

A CASA QUE PINGAVA SANGUE

DE AMAURI ERNANI

MICROCONTOS
DE TERROR

VENCEDORES

SUMÁRIO

Nara (Renata Rothstein)

Bonecas (Nena Medeiros)

Socorrista (Maicol Cristian)

VELA (Alec Silva)

L. (Tiago de Souza)

EMPADINHA (Saulo Queiroz)

UMA VEZ BASTA (Matheus Souza)

POSSE (Giselle Fiorini Bohn)

FÔLEGO (Iolandinha Pinheiro)

CATATONIA (Anorkinda Neide)

MÃE (Bruno Bueno)

EFEITO BORBOLETA (Sabrina Dalbelo)

GÊMEOS (Alessandro Gonçalves)

A QUEDA (Edih Longo)

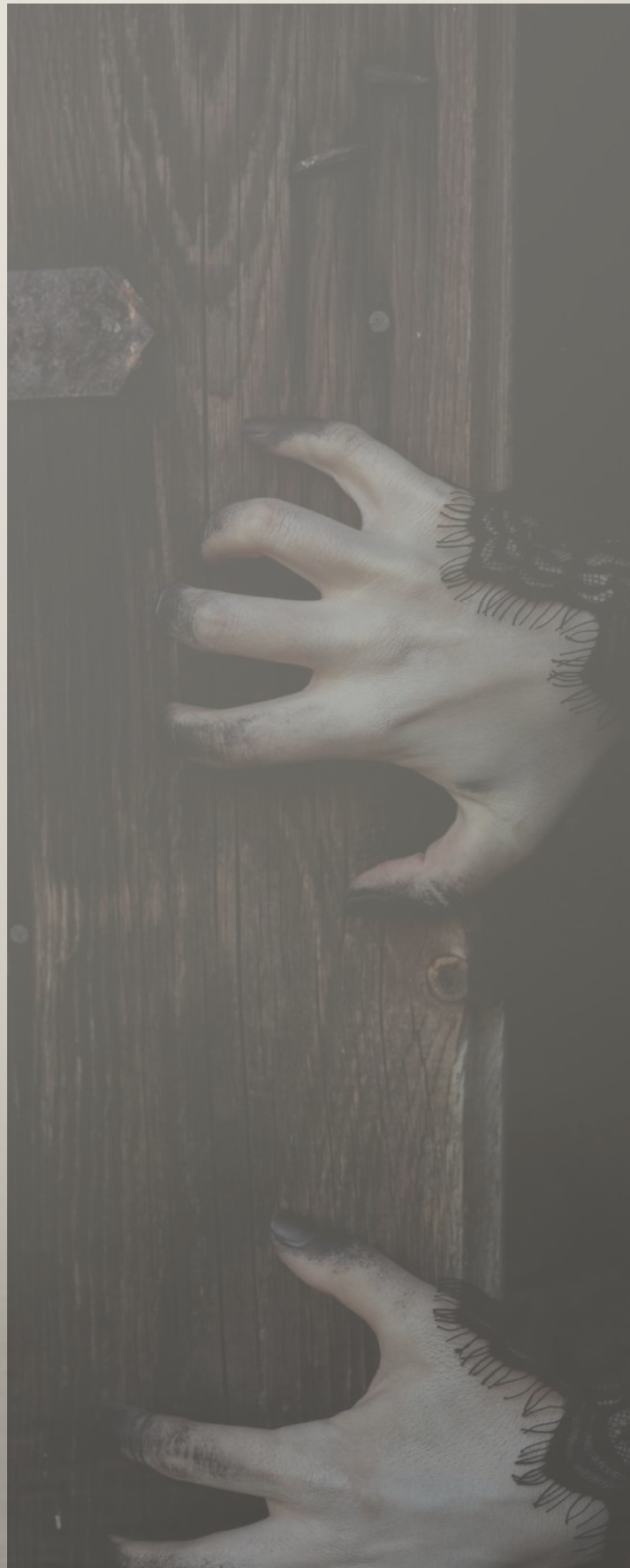
TIRA, PÕE, DEIXA FICAR (Claudia Angst)

NUANCES (Mauro André Oliveira)

O CASTIGO DE BERNARDO (Rodrigo Duhau)

SEM SENTIDOS (Fernanda Callefi Barbetta)

HERANÇA (Elisa Ribeiro)



NARA

O ódio crescia, assim como a barriga crescera, durante nove meses. Louca e abandonada, Nara costurava a boneca com o nome de José, bordado e preso com alfinetes cravados em pontos estratégicos, vitais. Enfim, a vingança – pensou.

A filha, no berço, dormia. Puxou a manta branca sobre a bebê. "Parece um anjo. Meu anjo".

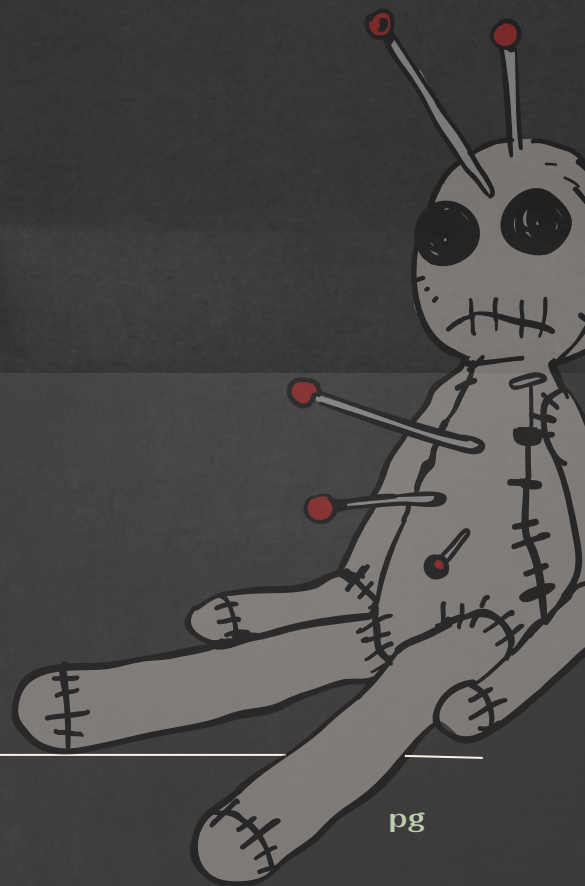
Não demoraria. Enrolou a boneca num pano, caminhou pela mata e chegou à margem do caudaloso rio.

Conjurou demônios, fez o ritual. Atirou com raiva a boneca. Observou o embrulho branco, levado pela correnteza.

Voltou para casa. Aproximou-se do berço, onde a filha dormia.

O pânico calou o grito. No berço, apenas a boneca, coberta de alfinetes e olhos vazios, a encarava.

Renata Rothstein



segundo lugar

BONECAS

Chorou quando viu a filha
com a boneca que há tão
pouco tempo era sua e correu
para o abraço consolador da
mãe. Encontrou-a igualmente
chorosa num canto da
cozinha, uma faca na mão e
uma enorme poça de sangue
separando-a do corpo do pai
das três.

Nena Medeiros

SOCORRISTA

A estrada era esburacada, cheia de curvas, sem acostamento. Caía um dilúvio. Os limpadores de para-brisa mal venciam a chuva.

Do nada, surgiu uma velha Caravan, ultrapassando-me em alta velocidade. Inadvertidamente, após uma curva fechada e um enorme buraco na estrada, a tampa traseira se abriu e dela voou um enorme objeto, que colidiu contra meu carro.

Parei e desci para averiguar. A Caravan sumiu. Na frente do meu Uno jazia um caixão. Aproximei-me. A tampa havia quebrado com o impacto. Abri. Estava vazio.

Voltei encharcado para o carro. O motor não pegava. Após várias tentativas, senti uma mão no meu ombro. No retrovisor, uma linda loira de branco.

– Quer que eu peça ajuda, meu amor?

Maicol Cristian

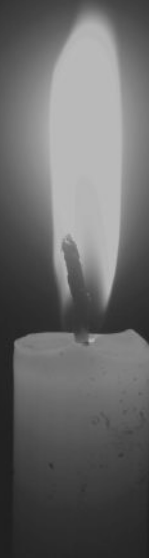
VELA

Acendi uma vela, pois um medo se apossou de mim naquele momento.

Era uma noite escura, mal havia estrelas no céu. Estava frio, então a pequena chama da vela serviria tanto para afugentar meus receios quanto para me aquecer.

Mas Tonho, que me olhava com cara de espanto, não pareceu muito contente – e até fez o sinal da cruz, todo apressado. Talvez não fosse uma cena cotidiana, para um coveiro, ver um morto recém-enterrado saindo de sua sepultura para pegar uma vela apagada, deixada na lápide, e acendê-la com o estalar de dedos, por ter medo do escuro.

ALEC SILVA



EMPADINHA

Se a pressa imposta pela rotina não fosse tanta, teria sentado num self-service e se alimentado com calma, adequadamente. O intervalo, porém, só lhe permitiu um salgado.

A despeito de mastigar menos do que engolir, sentiu entre os dentes uma dureza inapropriada na primeira mordida. Cuspiu fora a textura destoante, imaginando ser um pedaço do frango que escapara da desossa.

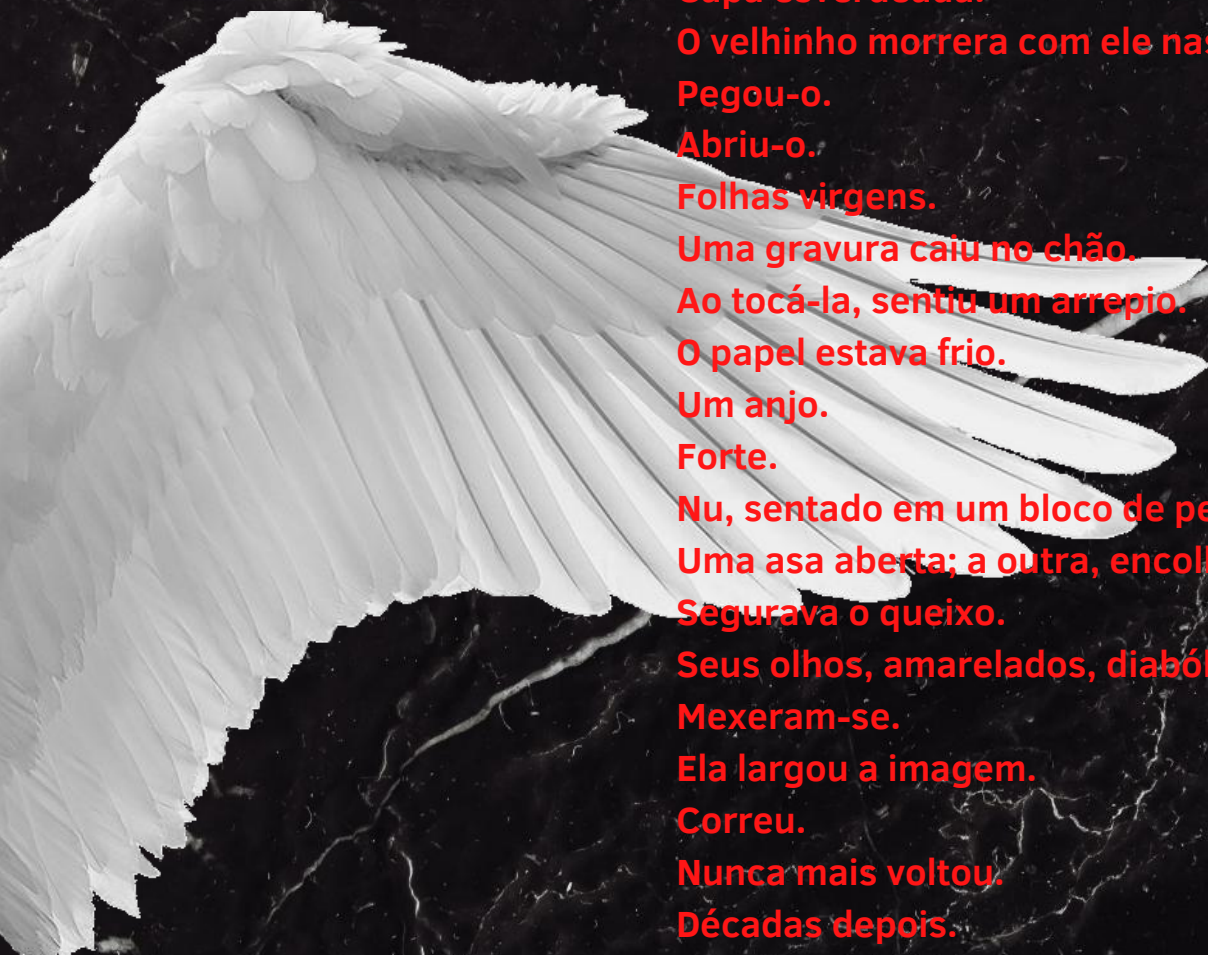
Intrigado, pegou de volta a parte descartada e a examinou. Eram duas minúsculas falanges, a média e a distal, ainda ligadas pela cartilagem. Certamente de um mamífero e, pelo tamanho, de um filhote.

O asco virou pavor: a empada era da barraca ao lado da maternidade.



L

THIAGO DE SOUZA



Dias após o funeral do avô, a jovem voltou
ao velho escritório.
Saudade imensa.
Apagou o cigarro.
Chorou baixinho.
Oh.
Na mesa, um caderno.
Capa esverdeada.
O velhinho morrera com ele nas mãos.
Pegou-o.
Abriu-o.
Folhas virgens.
Uma gravura caiu no chão.
Ao tocá-la, sentiu um arrepio.
O papel estava frio.
Um anjo.
Forte.
Nu, sentado em um bloco de pedra.
Uma asa aberta; a outra, encolhida.
Segurava o queixo.
Seus olhos, amarelados, diabólicos.
Mexeram-se.
Ela largou a imagem.
Correu.
Nunca mais voltou.
Décadas depois.
Madrugada.
Sozinha, no escuro, ela agonizava.
Foi quando ouviu.
As asas.
Abrindo-se.
Foi quando viu.
Aqueles olhos.
Amarelados.
Diabólicos.
Encarando-a.
Vem.
Oh.
Largou-se.
Nunca mais voltou.

POSSE

– Venha, ao menos olhe, meu amor...

– Não vou, Davi, não adianta.

Entrou sozinho. Ah, se ela não fosse supersticiosa!

O que importava era que a casa estava à venda pela metade do valor das outras, e não o que acontecera ali.

Ela esperou no carro. Dez minutos. Enviou mensagem, telefonou. Vinte minutos. Buzinou, gritou por ele.

Decidiu entrar; mal abrira a porta quando o viu parado no meio do quintal. A passos rápidos, cruzou a sala em direção aos fundos.

– Por que demorou tanto?

– Nada aconteceu lá dentro.

– Vamos embora, Davi!

Deu um passo à frente; ele, imóvel. Voltou e puxou-o pelo braço.

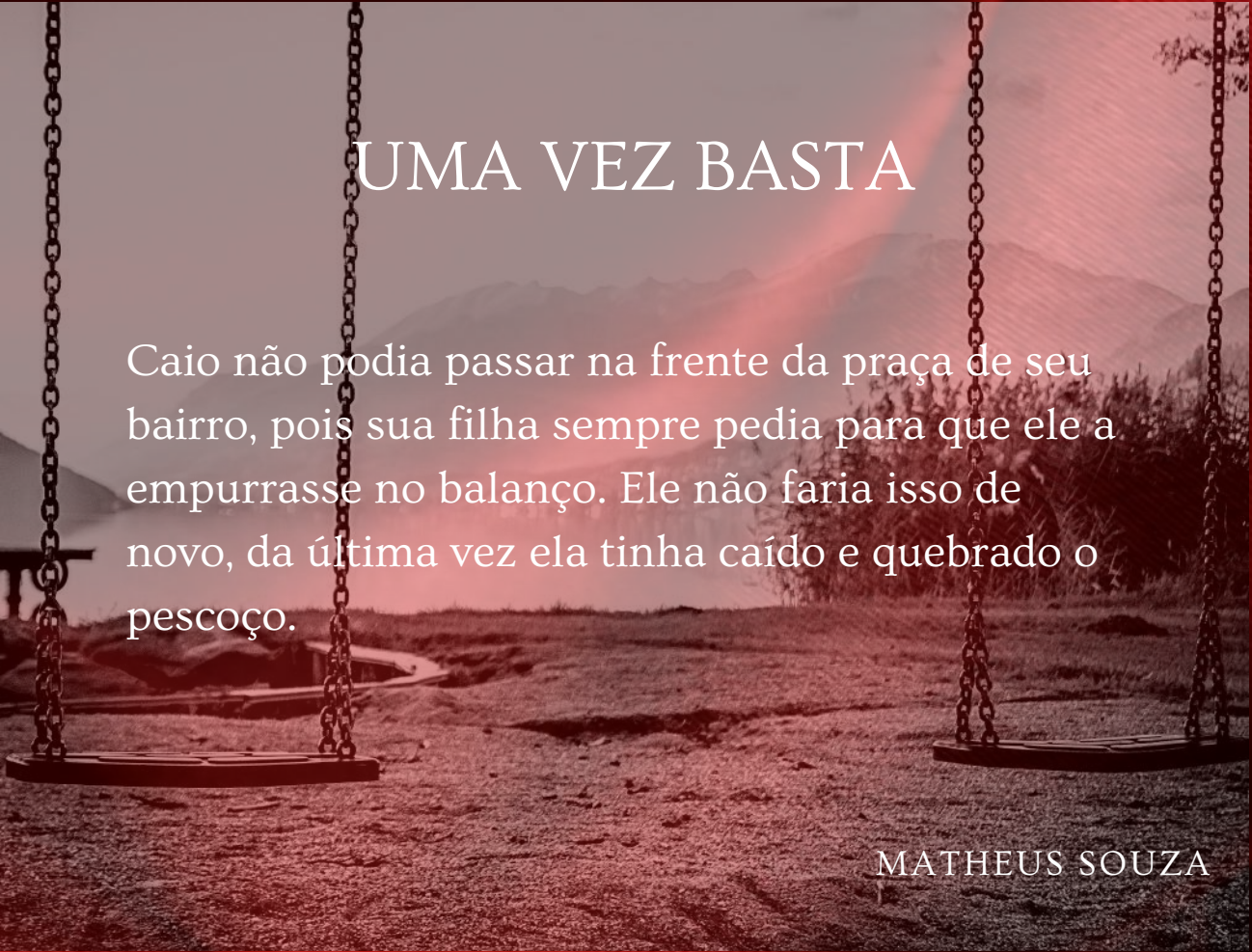
– Vamos!

– Não foi na casa...

– O que...

A pá atingiu-a na têmpora direita.

– ... foi aqui.



UMA VEZ BASTA

Caio não podia passar na frente da praça de seu bairro, pois sua filha sempre pedia para que ele a empurrasse no balanço. Ele não faria isso de novo, da última vez ela tinha caído e quebrado o pescoço.

MATHEUS SOUZA

FÔLEGO

O fôlego voltou queimando. Abriu os olhos: breu absoluto. Sentiu a desagradável sensação de afundamento, como se estivesse em areia movediça. Precisava descobrir onde estava. Lutou para levantar. Esticou-se. Tentou ficar de bruços. O corpo não respondia. Ao redor apenas o silêncio. Conseguiu mover os braços pesados. Tateou o ar. Não achava paredes. O peito ardia. Gritou. Dos lábios ressequidos nenhum som saiu.

A dor no peito ficou mais intensa. O ar estava... Piiiiiiiiiiiiiii.... Notou que não respirava mais. Percebeu, mais surpreso ainda, que já não precisava respirar.

Paciente 53 / Óbito: 23h15/ Causa: Asfixia

CATATONIA

ANORKINDA NEIDE

Perambulando por estas trilhas, noites e noites, sem destino, sem saber por quê.

A floresta escura, fechada em seus mistérios. Eu andando, tentando achar sentido.

Quase enlouqueço. Converso com corujas que nada revelam dos segredos. Escuto os ventos, mas eles só falam da continuidade da escuridão.

Nunca amanhece. Quanto tempo faz?

Às vezes, durmo de exaustão. Os animais fogem uns dos outros e não me veem. Será que estou aqui? Que floresta será esta?

Espere! Vejo algo! Será miragem?

Pisco os olhos... É um roupeiro!

Estou do lado interno de um espelho! Do outro lado, meu quarto. E, sentado em frente ao espelho, eu mesmo, catatônico, olhando para mim sem me ver, sem piscar... Semi-morto.

HERANÇA

ELISA RIBEIRO

O bebê ressonava no berço. Acariciou seu corpo, as pernas, os dedos contraídos sob a trama do tricô cor de palha dos sapatos. Tomou-o no colo; a boca urgente cerrou entre suas bordas carnudas o bico do peito machucado.

Estremeceu à primeira sugada, a dor logo dando lugar à calma. A sucção agora um prazer, apertou os pés da criança sorrindo à aspereza dos dedos que haviam rompido, enfim, os frágeis fios de lã dos sapatos. Com a ponta do vestido limpou o sangue que vazava pelo canto dos lábios do bebê. Sacudiu os próprios pés atirando para longe os chinelos. Seus dedos nodosos de unhas em garra também haviam rompido, um dia, os fios de sapatinhos igualmente delicados.

MÃE

BRUNO BUENO

— Eu sou sua mãe, Júlia. Você pode me contar qualquer coisa. Por que você está assim?

A adolescente cruzou os braços, encolhida em cima da cama.

— Pare com isso! Venha dar um abraço na mamãe!

Júlia abriu a boca, mas engoliu as palavras. Ela olhou para a porta entreaberta e, traindo seus pensamentos, olhou para a mulher, fazendo cara de culpa.

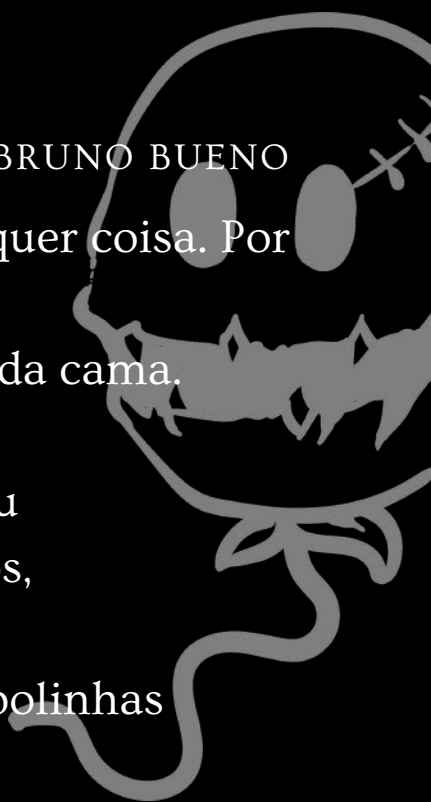
Tinha cerca de quarenta anos, usava uma roupa de bolinhas antiquada, como em um seriado dos anos 50.

— O que eu errei? Foi o cabelo?

— Os olhos. — disse a garota.

Ela olhou no espelho da penteadeira. Os olhos eram fendados como os de um réptil.

— Droga! Eu nunca acerto os olhos humanos. Desculpe, menina. É melhor ficar quieta, não vai demorar nada.



SEM SENTIDOS

FERNANDA CALEFFI BARBETTA

Tentou abrir os olhos, mas não havia olhos, não havia pálpebras, apenas dois buracos, os quais sentiu quando tocou o rosto, porque ainda havia tato, ainda havia mão, ainda havia dedos. Tentou gritar, mas não havia garganta, não havia boca, não havia lábios. O nariz, que ainda havia, recolhia e expulsava o ar, com pressa. Choraria, se pudesse. Os ouvidos, apurados, porque ainda havia tímpanos, ouviam os passos ao longe. E porque o barulho aumentava, soube que algo se aproximava. Ficou em pé, porque ainda havia pernas. E porque ainda havia forças, correu no sentido que julgou ser o contrário da origem do som. Até não ouvir mais nada.



EFEITO BORBOLETA

SABRINA DALBELO

À beira do mar verde-esmeralda, debaixo do guarda-sol, deitada de bruços na canga estampada com limões e laranjas, com a pele ardida do bronze, do sal e da areia, balançava as pernas e tomava um daikiri de morango, em lentas sorvidas pelo canudinho.

O vento começou a chegar em seu rosto mais forte e úmido.

A marola virou pequenas ondas que rapidamente chegaram até a canga.

Quando se levantou para recolher a bolsa da areia, o sol tinha se escondido atrás da onda.



A QUEDA

EDIH LONGO

— Foi sem querer, seu Polícia — disse ao escrivão.

— Sou Delegado. Ele, o escrivão.

— Desculpe, não vi nenhum anel.

...

— O menino berrava no berço. Eu estava com a mamadeira, o babador e a fralda, então a desgraça aconteceu. Ele escorregou dos meus braços. Ficou quieto. Dei-lhe umas tapas e nada. Veio-me a ideia de cortar em pedaços para caber num saco, joguei no lixo e fui pra Rodoviária. Quando o ônibus já estava na estrada, parou. Podia ser um pneu furado, mas o Diabo não quis. Jurei tudo isso para os patrões, mas eles teimam em querer a criança inteira e viva. Que bestagem! Não sou Deus! Até que gostava dele. Mas gente não se emenda com cola. Olhe, compre um anel de formatura. Isso cai bem, viu?

TIRA, PÕE, DEIXA FICAR

CLAUDIA ANGST

O silêncio era ensurdecedor, o preâmbulo do desconhecido. Olhou para os filhos, deitados e com os rostos voltados para a parede. Estranhou estarem os três cobertos. Algo estava errado, muito errado. Por impulso, tirou a manta que cobria a caçula. O choque quase a fez cair de joelhos. Ensandecida, puxou as outras cobertas, revelando cabeças e corpos desconexos numa montagem macabra. Acordado com os gritos, o pai chegou ao quarto e viu uma mulher totalmente enlouquecida, tentando devolver cada cabeça ao seu corpo.

NUANCE

MAURO ANDRÉ OLIVEIRA

A pintura no muro externo contrasta o roxo das azaleias com o amarelo das acácias. Lá dentro, o afresco floral vai do assoalho ao teto; porém, num tom monocromático.

O jovem pintor J. Frank descobre, enfim, a nuance perfeita para dar vida às suas flores: a púrpura. Aquele jardim escarlate pintado na parede o leva aos mais profundos devaneios, de modo a julgar-se doravante um artista completo.

De que serve a arte sem um público para admirá-la? Descerra as portas, e conclama o povo para ver sua magnífica obra. Gritos de horror logo ecoam entre a rude plateia; não pela pintura, mas pela tinta usada: o sangue extraído dos corpos mutilados de seus familiares espalhados pela casa inteira.

GÊMEOS

Fazia alguns consertos na garagem quando viu o retrato com a esposa e os gêmeos. A foto fora tirada havia dez meses, dias antes de um deles morrer, com apenas 8 anos, em um acidente de carro com a mãe, que sobreviveu.

– Posso te ajudar, papai?

Enxugou as lágrimas e virou-se para o filho.

– Pensei que tivesse saído com a mamãe.

– Não, ela dirige mal. E devia pagar pelo que fez.

– Pare de dizer bobagens e pegue aquela caixa de ferramentas.

Passaram a manhã juntos, despertando uma alegria que havia muito não sentia.

– Papai, vou ao banheiro.

Segundos depois, a mulher chegou e desceu do carro sorrindo.

– Você estaciona pra mim?

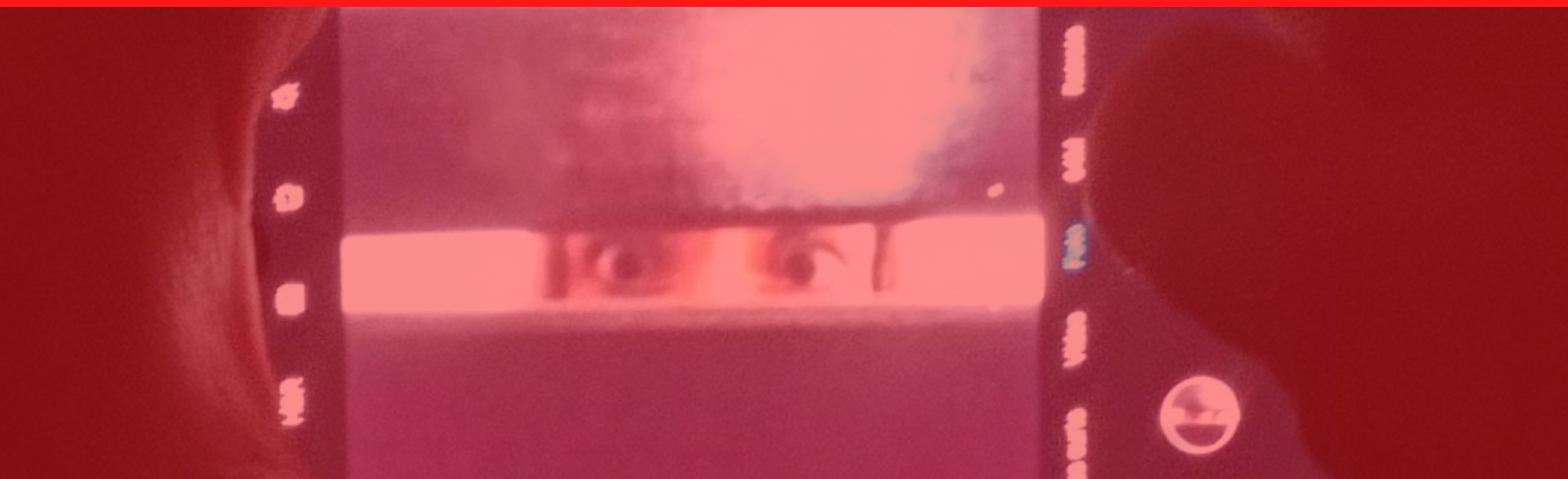
– Claro.

Quando entrou no veículo e mirou o banco de trás pelo espelho, uma expressão de terror extremo transformou seu rosto.

– Papai, olha o que a mamãe me comprou.

Um grito aterrador foi ouvido de dentro da casa.

ALESSANDRO GONÇALVES



O CASTIGO DE BERNARDO

RODRIGO DUHAU

– Eu não sei onde tá! Já disse! – berrou Bernardo, chorando.

O adolescente
estava amarrado e ajoelhado.

– Você vai encontrar! – gritou a mãe, dando-lhe uma cintada nas nádegas.

Ele urrou.

...

Mais algumas broncas, e uma corrente de ar gelado entrou pela janela da cozinha. Era a hora de a mãe partir.

...

O pai desabou e, segundos depois, despertou.

– Filho, você tá bem? – perguntou, tirando as cordas de Bernardo.

– Pai... tô com medo! Ela vai voltar?

– O espírito dela vai entrar de novo em mim logo, logo. Sua mãe te ama, mas, mesmo morta, ela quer a tupperware dela que você perdeu.

FALE CONOSCO

(41) 999815273

(11)982497839

palcoproducoes@hotmail.com

<https://palcodasartes.wordpress.com>



Projeto realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura, Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.